

O CENTRO DO PLANALTO RIO-GRANDENSE: UMA REGIÃO RURAL EM MUTAÇÃO

Raymond Pébayle (*)

Tradução: Leny T. de Souza
Gilberto L. da Rocha

Resumo: velha região de criação extensiva, o centro do planalto rio-grandense passa atualmente por uma profunda fase de transformação. Os criadores gaúchos tradicionais embora perfeitamente aptos para explorar as diferentes variedades de pastos naturais do campo, não conseguiram impedir a decadência, que só não atingiu, até agora, alguns setores particularmente ricos do campo. Os fazendeiros, que inicialmente cultivaram o trigo num sistema monocultural extensivo, consolidam agora uma desigual conquista da pradaria após adoção das culturas de verão. As grandes fazendas mecanizadas, instaladas na sua maioria por descendentes de colonos policultores, dão bons rendimentos, mas são ainda um pouco frágeis. Entretanto grandes sinais de uma mudança profunda aparecem, porque, após observações ou acontecimentos fortuitos, os criadores começam a adotar a agricultura de campo, enquanto que os fazendeiros lançam-se na associação da agricultura e da pecuária.

Entre o imobilismo das estruturas agrárias do Nordeste e o grande movimento na direção Oeste das franjas pioneras, uma evolução mais ou menos rápida transforma atualmente as velhas regiões agrícolas do Sul brasileiro. A procura crescente dos grandes aglomerados urbanos, ao mesmo tempo que uma orientação oficial de melhorar e de transformar as produções e os níveis de vida do mundo rural brasileiro, têm ocasionado sensíveis mutações em muitas regiões rurais a longo tempo esclerosadas. O campo do centro do planalto rio-grandense oferece um bom exemplo desta evolução. (Foto 1.)

Limitado em 3 de seus lados pela floresta subtropical densamente povoada pelos colonos policultores (fig. 1), esta região de campo era, há três decênios, uma das menos favorecidas do Rio Grande do Sul. Sua cobertura vegetal não oferece, em geral, ao criador tradicional pastagens naturais tão ricas como as do pampa meridional. Este último se prolonga sólamente sob a denominação de "campo fino" até a orla das florestas do Alto Uruguai, através dos municípios de São Borja e São Luiz Gonzaga (1). Sua antiga especialidade de criação de mulas - florescente no século XIX - caiu naturalmente, em total decadência em nossa época de mecanização. Quanto à fronteira e aos substanciais benefícios invisíveis que ela prodigaliza aos criadores do Sul e do Oeste do Estado, ela é tanto menos lucrativa para os explotadores do planalto, quanto mais afastada da região.

Nada, por consequência, deixava prever que esta região rural se tornaria um dia uma das mais dinâmicas do Sul Brasileiro.

I - A DECADÊNCIA DA PECUÁRIA TRADICIONAL

Em extensão, é ainda a pecuária que domina a vida rural desta região do planalto rio-grandense. Os campos divididos e entremeados de bosques onde as Araucárias dominam cada vez mais para o Leste, abrigavam, em 1965, uma população bovina e ovina de, respectivamente

(*) Extraído da revista "Les Cahiers d'outre-Mer" - Tomo XXIII - n° 90, abril-junho 1970, pp. 175-201

(1) Eliminaremos deste estudo estes 2 últimos municípios, assim como os de Bossoroca e Santo Antônio das Missões, não somente por razões fitogeográficas, mas também por outras razões físicas (verões muito secos e quentes, topografia mais suave onde os largos vales favoreceram o desenvolvimento da rizicultura irrigada). Por outro lado a fronteira com a Argentina influencia profundamente a economia dos municípios ribeirinhos do Uruguai.

Dois aspectos do campo do centro do planalto riograndense
Campos naturais e capões entre Cruz Alta e Ijuí

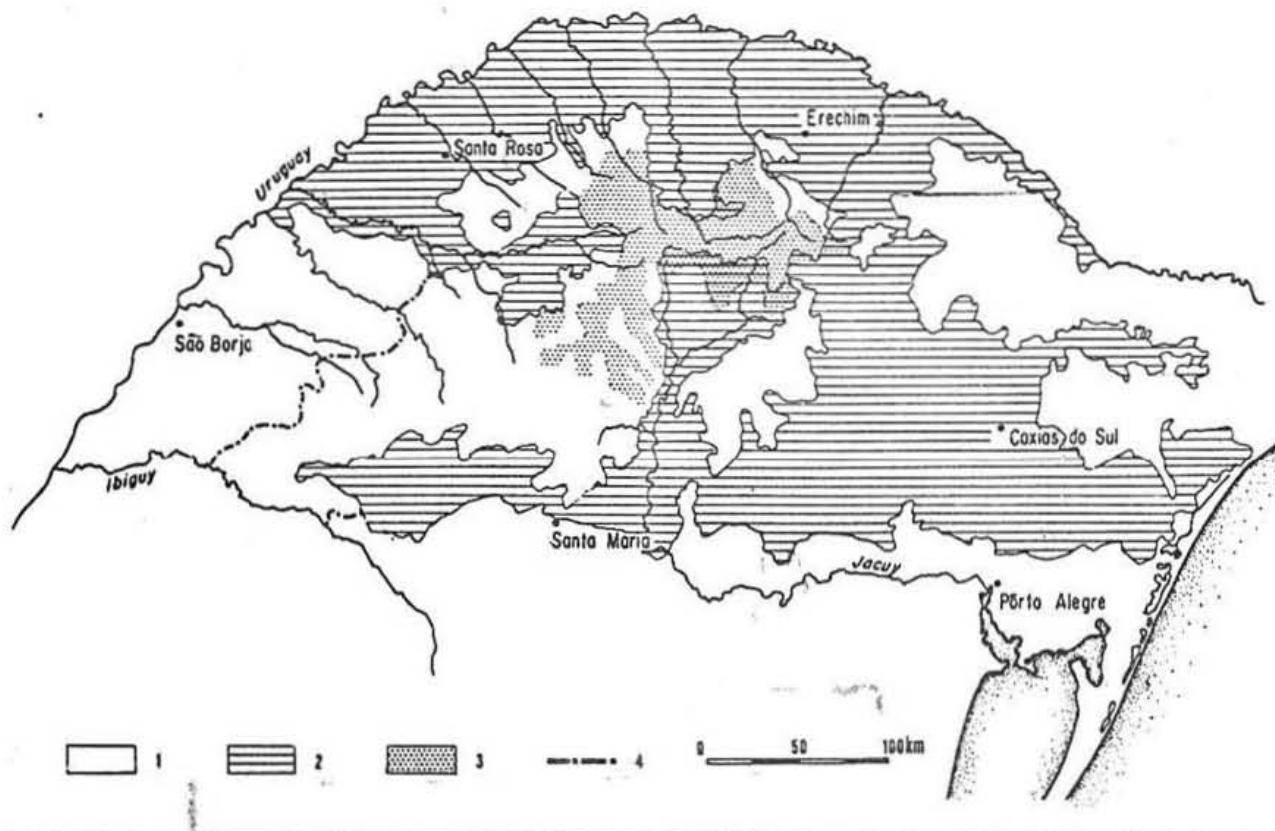
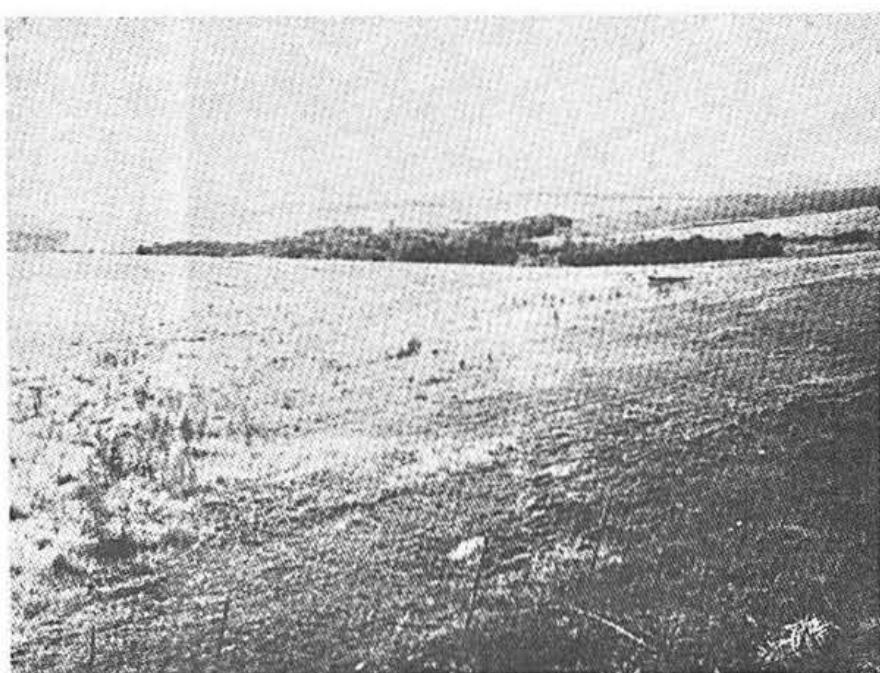


Fig. 1 — A vegetação e os solos do planalto. — 1. Campo. — 2. Floresta. — 3. Solos pobres sobre sub-solos de argento e campos pobres. — 4. Limite ocidental do centro do planalto riograndense. (Carta básica e vegetação segundo Niló Bernardes; solos segundo uma publicação da Divisão de pedologia e fertilidade dos solos do Ministério da Agricultura brasileiro).

1.300.000 e 520.000 cabeças (2). Eles tendem a ser invadidos pelas espécies arbustivas (os "timbós" por exemplo, ou *Ateleia glazioviana*) bem conhecidas dos criadores locais que têm recorrido às queimadas anuais para limpar

(2) As apreciações cifradas relativas ao campo desta região do planalto são praticamente impossíveis de serem obtidas exatamente, porque as estatísticas existentes, referem-se aos municípios dos quais os cortes não consideram os meios naturais. Também quando se observam as cifras gerais, eliminam-se sistematicamente muitos municípios onde a floresta domina sobre o campo.



Pradaria invadida pela "barba do bode" no município de Passo Fundo

as pastagens. Estas queimadas permitem também eliminar a "barba de bode", gramínea das savanas do Brasil Central, cuja larga disseminação nos campos do planalto rio-grandense constitui o sinal mais seguro de uma degradação, em latitude, do pampa. (Foto 2)

1. OS SISTEMAS DE CRIAÇÃO EXTENSIVA TRADICIONAIS..

Os campos de transição entre pradaria e savana estão, entretanto, longe de serem uniformes. Por sua distinção entre pastagens ditas de segunda e terceira categorias, o criador gaúcho marca bem a diferença fundamental que existe entre as coberturas vegetais sobre solos espessos e siltosos dos basaltos e os solos pobres dos afloramentos areníticos (fig. 2). Entre estes dois tipos de pastagem, a carga dos animais varia do simples ao duplicado: dois bo-

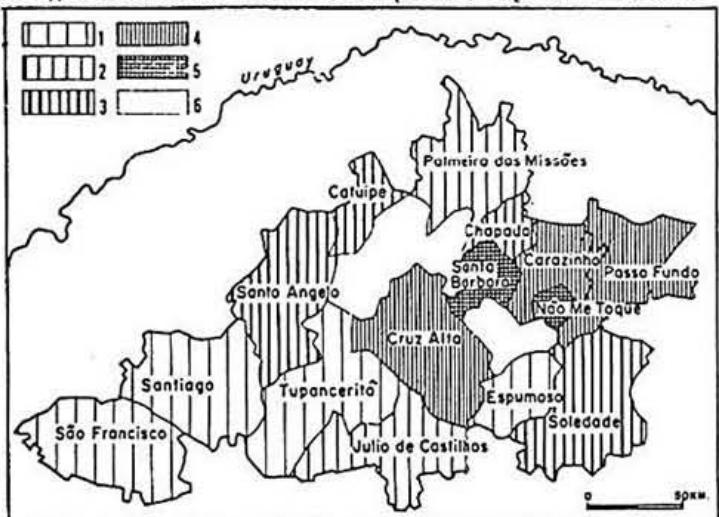


Fig. 2 - As percentagens das superfícies cultivadas nos principais municípios do centro do planalto riograndense. 1: Menos de 5% - 2: de 5 a 10% - 3: 10 a 15% - 4: 15 a 25% 5: mais de 30% - 6: Os municípios sobretudo florestais povoados de colonos policultores, cujo sistemas de cultura são totalmente diferentes dos granjeiros do campo.

vinhos por 3 hectares no primeiro caso; um bovino por 3 ou 4 hectares no segundo caso. As divisões do campo em pastagens, cercadas de arame farpado, consideram estas diferenças e a localização dos pontos d'água. Em pastagens de pouco valor, tais como as encontradas, por exemplo, nas proximidades de Cruz Alta ou na vasta clareira de Palmeira das Missões, os terrenos cercados limitam as superfícies de 200 a 300 hectares e os interflúvios mais se-

cos. Em oposição as "invernadas" são as pastagens com 50 a 150 hectares, renomadas por seu valor nutritivo natural. Em Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Soledade, o criador coloca aí os animais que ele destina à engorda.

Nestas vastas pastagens, a criação ao ar livre tornou-se a regra. As técnicas e os sistemas de criação bovina diferem pouco da Campanha. A diferença fundamental está nos caprichos climáticos, que o criador combate ainda mal. Com efeito, se o gaúcho bem favorecido por verões chuvosos que o colocam ao abrigo das crises das sêcas, é ele que protege mal seu rebanho durante os quatro ou cinco meses rigorosos de inverno. Os bosques e os capões que matizam estes campos de altitude constituem os únicos abrigos dos quais os bovinos emagrecidos podem dispor durante a estação fria. É também na vegetação rasteira dos bosques que os animais encontram um magro complemento de alimentação numa época onde as pastagens descobertas suportam uma carga reduzida. Os três ou quatro hectares cultivados com forragens artificiais (aveia forrageira e azevém, ou *Lolium perenne*) que possui todo o criador, têm uma função únicamente salvadora, porque só os animais doentes ou emagrecidos aí têm acesso. Nestas condições, a mortalidade dos animais é bastante elevada. Até a época da marcação, que é geralmente praticada nos animais de um ano, os bezerros recebem pouca atenção: a vacinação contra o carbúnculo sintomático. Resulta uma mortalidade de 3 a 5% durante o 1º ano. Durante a época crítica da mudança de dentes, entre 1 e 2 anos, conta-se ainda 10 a 12% de perda. De 2 a 5 anos, a mortalidade anual é de 1% em média. A vacinação tríplice contra a febre aftosa, tornadas obrigatórias há pouco, deveriam diminuir estas taxas a partir do segundo ano. Mal compensada pelas taxas de produção que não ultrapassam praticamente os 70% para as vacas de mais de 2 anos e meio, esta mortalidade compromete o progresso do rebanho e limita as vendas para abate à 15% aproximadamente do rebanho.

O caráter extensivo desta criação e seu modestos resultados conduzem seguidamente a julgamentos pessimistas sobre a qualificação do criador gaúcho. Entretanto, atrás da rusticidade das técnicas, é preciso ver uma verdadeira tradição feita de experiências e de um conhecimento íntimo dos diversos meios naturais. Pode-se mesmo afirmar que os resultados obtidos - tendo em vista as elementares organizações das fazendas de criação do planalto - constituem verdadeiros recordes de rendimento. Sem conhecimento científico e com um mínimo de atualização do gaúcho, de um só golpe, pratica razoavelmente todas as operações fundamentais de uma boa pecuária. As rotações de pastagens, a separação dos animais por sexo e por idade, a castração e a marcação, o isolamento dos animais doentes, a luta contra os carapatos, todas as operações fundamentais, são realizadas segundo técnicas empíricas e às vezes brutais, por certo, mas eficazes no seu gênero. É ao mesmo conhecimento dos meios naturais que respondem os diversos métodos de criação tradicionais adotados pelo gaúcho do planalto.

Quando dispõe, ao mesmo tempo, de uma quantidade de terras superior a 600 ou 700 hectares e de boas pastagens o criador realiza todas as fases da criação até a engorda. Visa então a venda de bois de 4 ou 5 anos, com um peso médio de 450 quilos. Sobre as melhores pastagens de Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Soledade, alguns grandes proprietários podem mesmo desenvolver uma verdadeira especialidade em engorda. Eles adquirem os animais magros de 3 a 4 anos e meio, no fim do inverno, e os reenviam durante o verão. Se ao contrário, o criador possui campos de má qualidade (Cruz Alta, Passo Fundo, Palmeira das Missões), ele pode optar pela criação propriamente dita, vendendo seus animais com a idade de dois ou três

anos. Às vezes, entre o criador e o engordador, os criadores possuindo poucos campos, mas de boa qualidade, criam uma especialidade de recriadores, adquirindo espécimes de um a dois anos e os revendendo aos engordadores aos 3 ou 4 anos.

Por todas estas operações, o criador gaúcho deve ser um sábio dosador de campo nativo para evitar um perigoso excesso de lotação, porque, na ausência de pastagens artificiais suscetíveis de preencherem as lacunas das pradarias naturais, todo excesso de carga pode obrigar a uma venda prematura com preços maus.

2 - AS PASTAGENS ARTIFICIAIS E A RESISTÊNCIA DA TRADIÇÃO -

Nestas condições, sómente a cultura do capim e das forragens poderia trazer uma certa segurança ao criador; o que, ocorrendo, não inovaria realmente pois que sempre possuiu alguns hectares de forragens de inverno. Seria suficiente para ele aumentar a área de pastagens plantadas. Para estes trabalhos, o Banco do Brasil oferece largas possibilidades de financiamento. Por outro lado, as estações forrageiras locais (Tupanciretã) ou próximas (São Gabriel) realizaram há muito tempo e divulgaram as experiências de pastagens plantadas, largamente adaptáveis ao meio local. Entre as espécies recomendadas, as gramíneas permanentes de pasto hibernal de origem européia ("Browntop" ou Agrostis Tenuis, Festuca K. 31, Dactylis glomerata) deram bons resultados. As gramíneas permanentes do ciclo estival e de origem africana (Chloris gayana, Digitaria decumbens, Pennisetum clandestinum, Pennisetum purpureum, Eragrostis curvula), mexicana (Paspalum notatum) ou paraguaia (Axonopus compressus) permitem, de seu lado, um ciclo estival e 2 ou 3 ceifas anuais visando um estoque de inverno para fenagem ou ensilagem. Largamente divulgadas no Brasil Central, estas variedades já foram cultivadas com sucesso nas melhores fazendas do planalto.

Portanto, colocados diante destas possibilidades de progresso, os criadores manifestam tenazes resistências. Os mais tradicionais são francamente contra as lavrações que acusam de destruir os campos naturais. A maioria, entretanto, aceita a idéia das pastagens artificiais, mas pensa não poder realizá-la por razões financeiras. Este argumento, válido particularmente para as pradarias de leguminosas de ciclo estival como o trevo, não parece nada ter a ver, aparentemente, ao menos, com as pradarias permanentes que não exigem mais que um trabalho de duas gradeações a discos todos os três ou quatro anos sómente.

Algumas cifras de rendimento (3), por pobres que sejam, ajudam entretanto a compreender a realidade. Do quadro seguinte, pode-se concluir a veracidade dos argumentos econômicos de alguns criadores:

Superfície agrícola útil	Produto Bruto Cr\$	cargas reais	Rendimento anual	renda anual por ha SAU
1 170 ha	35 970,00	4 036,20	31 933,00	NC\$ 27,27 ou \$ 8,52
523 ha	5 700,00	870,00	4 830,00	NC\$ 9,23 ou \$ 2,85
372 ha	10 475,30	6 805,00	3 670,20	NC\$ 9,86 ou \$ 3,08

Tabela 1 - O rendimento por hectare de superfície agrícola

(3) Dados extraídos de uma preparação de amostras a 5%, efetuada pelo IBRA, em 1967, no conjunto do RGS. Sobre 12 enquetes efetuadas no mun. de Juíz de Castilhos, eliminamos 9 que pareceram duvidosas. Mesmo assim, as três enquetes retidas não são perfeitas porque elas não permitem efetuar as variações de inventário com todo o rigor desejável.

Aquém do limite dos 500 hectares observa-se, com efeito, que as rendas anuais são apenas suficientes para assegurar um nível de vida modesto à família do criador. Quaisquer que sejam, nessas condições, as facilidades de crédito oferecidas pelo Banco do Brasil, estes explotadores não podem atualmente desviar os Cr\$ 1 000,00 ou ... 2 000,00 que lhes seriam necessários para introduzir melhoramentos indispensáveis.

Encontrar-se no limiar da pobreza numa propriedade de 500 hectares, há que surpreender o observador... De fato, é o resultado, ao mesmo tempo, das divisões das propriedades por herança e de um desconhecimento tradicional da rentabilidade da terra. Com efeito, dos valores colocados acima, o criador não vê, há muito tempo senão o lucro global anual, isto é, o que restou após ter saldado suas dívidas. Os lucros por unidade de superfície sempre foram secundários para estes ex-grandes proprietários que raciocinam mais como chefes de famílias do que como chefes de explorações. Portanto, estes homens que não souberam evitar os perigos de uma tranquila tradição se encontram agora numa situação econômica muito crítica.

Quanto aos criadores proprietários de mais de 500 hectares, geralmente convencidos da necessidade de transformar sua exploração, deveriam libertar-se de um complexo de razões econômicas, sociais, afetivas e sentimentais para conseguir conjurar uma perigosa decadência.

Primeiro obstáculo: o criador do planalto não é agricultor. As culturas não estão ausentes das fazendas de criação, mas são sempre praticadas em tenência indireta, por meeiros ou agregados. No primeiro caso, o proprietário instala uma ou várias famílias de agricultores nos "capões" onde os campos são abertos por derrubadas e queimadas. Uma policultura de subsistência, à base de milho, de feijão e de arroz do seco, provê assim às necessidades das famílias do criador e do trabalhador. O arrendatário dá 30% da colheita quando ele recebe sómente a terra nua e os instrumentos de arar; se o proprietário o instala, ao contratário, em terras trabalhadas e lhe fornece as sementes e os inseticidas, ele dá 50% dos produtos colhidos. Os agregados por seu turno, se revestem de numerosos aspectos, mas em todos os casos, o colono - ou agregado - que recebe uma casa, algumas ferramentas e um pedaço de terra, deve trabalhar três ou quatro dias por semana como operário da fazenda de criação. Por seus trabalhos ele é pago por dia. Mas ele deve também dividir sua colheita de milho com o proprietário. É a ele que o criador pede, entre outros trabalhos, para lavrar alguns hectares de campo perto da fazenda para aí cultivar as forragens de inverno.

Este sistema de contratos oferece então ao criador duas séries de vantagens: primeiro, ele assegura a alimentação da fazenda sem que o proprietário tenha que tocar no arado; em seguida, ele fixa facilmente a mão-de-obra de operários rurais pagos a preços inferiores sob o pretexto de recuperar o montante do alojamento e da alimentação.

No pampa meridional estes contratos quase não existem, porque as matas são em quantidade muito reduzida para permitir a generalização dessas culturas de roça. Pores esta razão o assalariado agrícola no pampa é muito mais comum do que no planalto.

Assim, a agricultura clássica das fazendas de criação se inscreve no quadro de um sistema econômico e social tradicional que o proprietário pode dificilmente romper

sem arriscar comprometer gravemente o equilíbrio de sua exploração. Em outras palavras, toda a inovação agrícola suporá uma revisão completa de todos os fatores de produção, inclusive o trabalho assalariado. Não há pois somente considerações sentimentais na manutenção de uma pura tradição de pecuária extensiva e no refugo de uma agricultura em tenência direta por parte do criador tradicional.

Aliás, dois tipos de investimento vão ao encontro de um desenvolvimento das forragens cultivadas; a compra do automóvel e a aquisição ou a manutenção da casa ou do apartamento na cidade, despesas que seguidamente são qualificadas de ostentatórias. Em verdade, convirá graduar esse julgamento considerando a opinião do criador que estima, não sem razão, que esses dois investimentos são indispensáveis. Por um lado, com efeito, para um explotante isolado cuja produção é quase totalmente dependente de fatores naturais, portanto quase sempre arriscada, é importante dispor de um meio de locomoção rápido para administrar com muita rapidez suas transações comerciais com os intermediários da cidade ou com outros criadores. Quanto à compra da casa na cidade, explica-se muito simplesmente por um desejo muito legítimo de manter a educação dos filhos que não poderiam seguir uma escolaridade normal se ficassem na sede da fazenda.

Paradoxalmente, são certos investimentos que o gaúcho faz na sua fazenda que aparecem, em última análise, como as maiores marcas de um sentimentalismo de criador. Com efeito, há certamente um pouco da "boomania" no entusiasmo atual do gaúcho pelo animal de raça, em particular para os bovinos charoleses que cruzam com raças locais ou zebus. Quando alguns ricos criadores se dedicam à especialidade de "cabanheiros", i. e., criadores e comerciantes de animais de raça pura - como é o caso de alguns explotantes de Júlio de Castilhos e de Tupanciretá, realizam certamente um progresso econômico valioso e necessário do ponto de vista zootécnico. Por outro lado elas desenvolvem quase sempre a cultura das forragens. Mas quando o criador comum, antes de plantar pastos prefere comprar a preço de ouro reprodutores bovinos de raça pura para melhorar a qualidade do seu rebanho, ele sucumbe em parte a considerações sentimentais. Pareceria mais indicado que o criador reduzisse suas ambições zootécnicas para, ao contrário, aumentar as forrageiras artificiais. Reprodutores de raça menos pura, comprados a preços mais baixos, assegurariam por sua parte uma melhoria progressiva do rebanho. Mas, para o que conhece o prestígio que confere na sociedade local a posse de um touro de pedigree, não resta nenhuma dúvida de que este gênero de compra se inscreve, em parte, no capítulo das despesas de ostentação. É um pouco devido ao mesmo gênero de razões que a pecuária ovina, todavia lucrativa, não tem êxito no planalto. A explicação não reside, somente, num meio físico desfavorável (altura excessiva do tapete vegetal e grande número de espinheiros) como diz o criador, porque uma manutenção muito elementar dos campos naturais poderia facilmente resolver essas dificuldades. De fato, o gaúcho do planalto, tradicional criador de bovinos, parece menosprezar um pouco os animais de pequeno porte. Atolada na tradição ou presa a inexplicáveis dificuldades financeiras, a pecuária do planalto entrou em decadência na maior parte dos municípios de campo natural mediocre. Até aqui, só os setores de pastagens privilegiadas e algumas grandes propriedades escaparam à crise, melhorando, simultaneamente, as raças locais e os sistemas tradicionais de criação. Essa situação é tanto mais perigosa porque o IBRA ameaça atualmente todas as grandes explorações que não justificam um rendimento razoável. Ora, face a essas dificuldades, os ex-

plotantes tradicionais recorrem frequentemente às soluções fáceis. As vendas de terras nas regiões de campo pobre já se tornaram correntes. Os antigos criadores podem instalar-se na cidade e investir seu dinheiro no comércio, num pequeno negócio industrial ou num imóvel de aluguel. Eles podem também comprar títulos de uma das numerosas companhias de investimento de Pôrto Alegre. Outros optam pela pecuária tropical em Goiás ou Mato Grosso onde adquirem a bom preço e, mais ainda, grandes superfícies de campos cerrados. Enfim, existe uma solução local a que muitos criadores já recorreram: o aluguel dos campos aos recém-vindos singularmente dinâmicos, os fazendeiros-agricultores também chamados "granjeiros".

II - A INOVAÇÃO: A GRANDE FAZENDA MECANIZADA DO CAMPO.

Em suma, a fazenda de criação modificou muito pouco as paisagens naturais do planalto rio-grandense. As queimadas pouco transformaram a fisionomia botânica contendo a progressão das árvores e limpando os campos naturais de suas gramíneas mais altas. As sedes das fazendas, muito distantes umas das outras e quase sempre no mesmo estilo (casa de moradia, galpão, algumas dependências e recintos de pequenas superfícies (fig. 3A) não chegam a

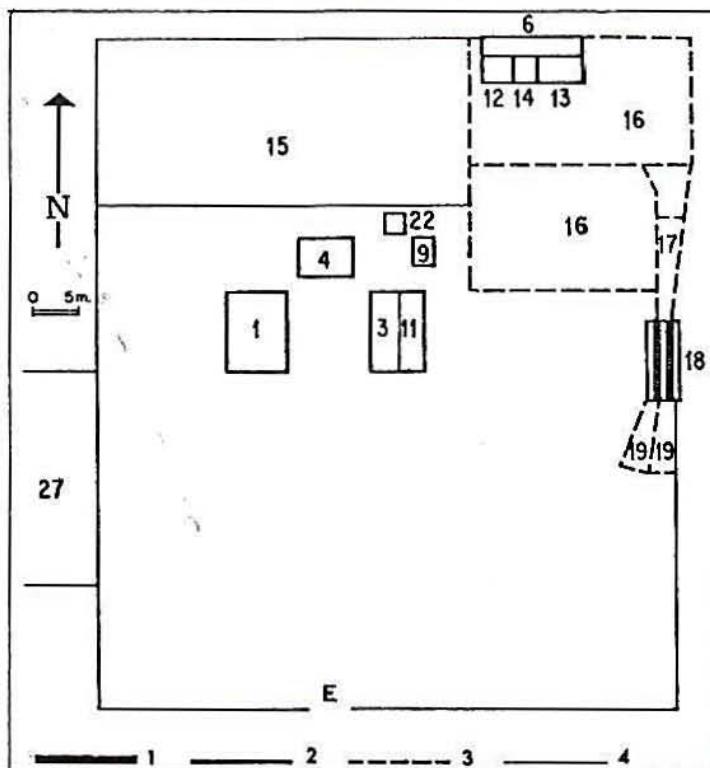


Fig. 3. - A. Uma fazenda de pecuária tradicional do município de Soledade. 1: Paredes de tijolos - 2: Paredes de tabua - 3: Recintos fechados com madeira - 4: Recintos fechados com arame. E: entrada - 1: moradia do chefe da exploração - 2: casa primitiva do fazendeiro que se tornou proprietário; abriga atualmente um operário permanente - 3: cabana ou quarto dos operários permanentes - 4: cabana ou quarto dos operários temporários - 5: forno - 6: gorgue - 7: galpão ou parte do galpão abrigando as máquinas - 8: depósito de sementes - 9: depósito de milho (paiol) - 10: depósito de adubos - 11: depósito de lãs e couros - 12: sala dos arreios - 13: estrebaria - 14: estabulo - 15: recinto fechado pequeno situado perto da casa (piquete) - 16: recinto fechado com madeira (mangueira) - 17: corredor conduzindo ao banheiro carapaticida (brete) - 18: banheiro carapaticida - 19: enxugador (escorregador) - 20: balança para gado - 21: chiqueiro pregedido de um cercado - 22: galinheiro - 23: abrigos para reservatórios de óleo diesel - 24: jardim - 25: pomar - 26: vinha - 27: campos de forragem de inverno ou de mandioca (esta legenda é comum as figuras 3A, 3B, 4A e 4B).

romper a monotonia das paisagens de colinas. Tradição e isolamento dominariam ainda o planalto do RGS se uma curta evolução começada pelos anos 50 não houvesse bruscamente introduzido a grande exploração agrícola de um século XX moderno numa tranquila paisagem pastoril quase duas vezes secular.

1. - OS ENSINAMENTOS DAS PAISAGENS AGRÁRIAS

Talvez mais do que em qualquer outra região do Rio Grande do Sul, as paisagens agrárias atuais evocam imediatamente certos traços fundamentais da agricultura do planalto e incitam a procurar junto ao explotante a explicação dessa forma nova, mas ainda inacabada, de ocupação do solo. A "granja", ou grande fazenda de agricultura extensiva primeiro escolheu suas terras. Enquanto os fundos e as vertentes inferiores úmidas não foram objeto de nenhuma inovação, as partes superiores das vertentes e os cimos planos das colinas, pelo contrário, atraíram os agricultores. Sobre êsses solos bem enxutos e pouco inclinados, procurou-se introduzir a mecanização em todos os estágios da cultura. As lavrações e faixas de proteção seguindo-se as curvas de nível, engendraram uma paisagem de lavouras de grandes extensões em contornos arredondados. Entretanto, além de serem limitados no espaço por esta escolha voluntária dos terrenos mais acessíveis à máquina, êsses campos não são ainda suficientemente numerosos para conferir um caráter realmente agrícola ao conjunto da região. Eles são somente mais freqüentes em certos municípios do centro e do leste (Santa Bárbara, Carazinho, Passo Fundo, Não Me Toque, Cruz Alta). Em outros lugares êles não fazem senão matizar vastas extensões de campo natural (Fotos 3, 4 e 5).



Retirada das ervas com trator em um campo de soja



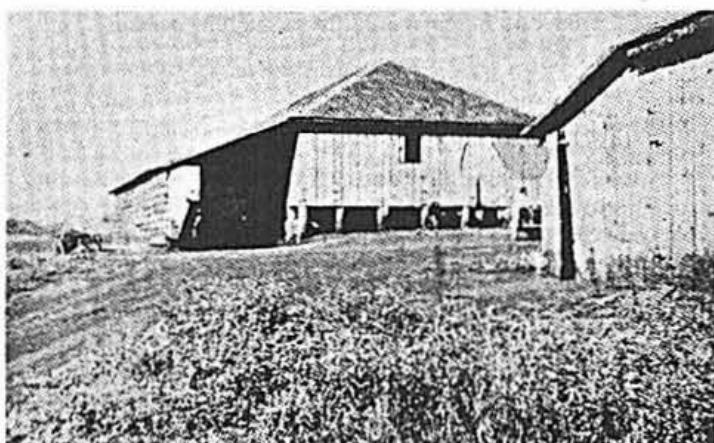
O campo transformado pela agricultura mecanizada



Estação técnica de pecuária e agricultura de Carazinho

Em violento contraste com as técnicas aparentemente muito modernas reveladas pelas paisagens agrárias, as sedes de exploração das granjas aparecem simultaneamente importantes pelo grande número de prédios que as compõem e sumárias por seu estilo de construção. Em torno de um pátio quadrado, o granjeiro constrói geralmente um grande prédio destinado a abrigar as máquinas, um depósito para os grãos e os adubos, uma pequena oficina mecânica, uma casa de moradia pouco confortável, uma garagem e algumas cabanas reservadas aos operários. O conjunto é construído de tábuas tendo como esteio fortes moirões grosseiramente desbastados. Jardins, pomares, pequenos recintos para o gado, estão freqüentemente ausentes (fig. 3B). A pesar disto os tetos de zinco ou de telhas abrigam as máqui-

nas de um valor considerável e, durante algumas semanas cada ano, as colheitas de várias centenas de hectares. (Fotos 6 e 7).



Galpão (adubos e sementes) e alpendre para ceifadora - debulhadora.

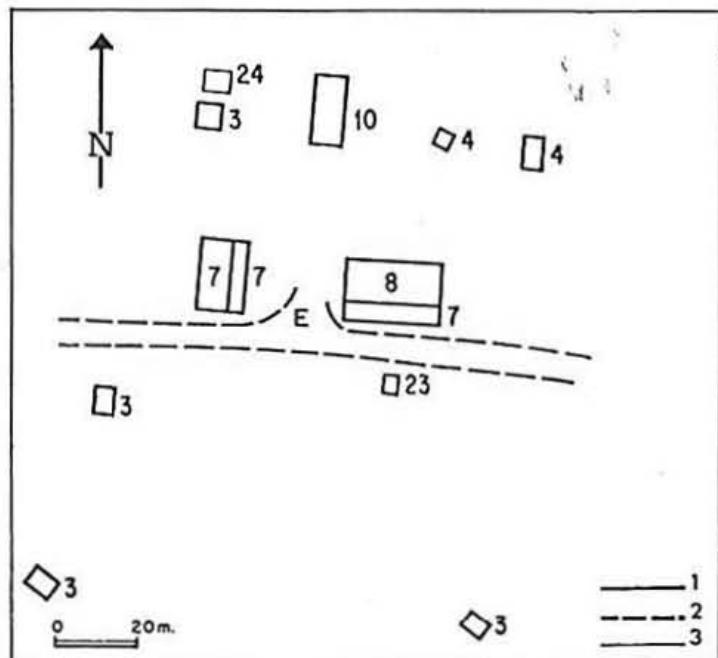
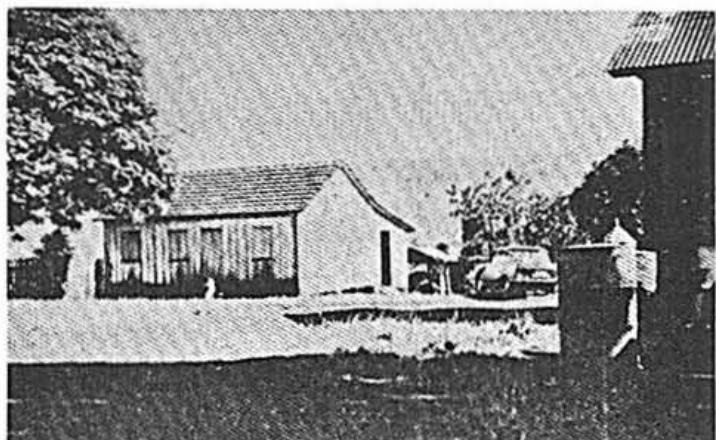


Fig. 3-B - Uma granja de agricultura do campo do município de Passo Fundo. Situada no alto de uma colina, ela não possui a casa de moradia para o chefe da exploração citadino. Notar a relativa dispersão das diversas construções e a exiguidade das cabanas dos operários. 1 - Paredes de tabuas - 2: Cercados de madeira - 3: Cercados de arame.



Dois aspectos de uma granja - A casa de moradia do gerente.

Estes são traços reveladores de uma implantação recente. E, com efeito, os granjeiros não são, na maioria, camponeses enraizados. Eles apareceram no campo riograndense do planalto após 1947, logo após medidas excepcionais que o governo brasileiro tomou para encorajar a grande cultura do trigo. Além dos conselhos técnicos e das distribuições gratuitas de sementes, o governo central permitiu empréstimos a longo prazo muito liberais para facilitar o equipamento das explorações agrícolas do planalto. A venda e o escoamento da produção estavam garantidas pelo Banco do Brasil. O que, no espírito dos governantes de então, devia suscitar o nascimento de um espetacular "wheatbelt" (*) transformou-se logo numa excelente ocasião de enriquecimento para aqueles habitantes que tinham um certo senso para negócios. Esses oportunistas não surgiram, no início pelo menos, entre os criadores isolados ou os pequenos colonos, mas sim entre os comerciantes, os industriais e os titulares de profissões liberais. Esses cidadãos que, mais tarde, foram qualificados com o epíteto de "aventureiros", apesar de tudo realizaram a inovação por excelência da região, introduzindo pela primeira vez a agricultura em terras de campo, fato então considerado como um jogo perigoso pela opinião tradicional. Os primeiros sucessos da cultura do trigo, praticada sem rotação nem adubo, foram obtidos num ambiente de incredulidade geral. Porém, fizeram surgir, durante a década de 50, novas vocações. Entre essas, muitas, é certo, não viam na agricultura do campo senão um Eldorado agrícola; mas desde então os mais temerosos entre os tradicionais tentaram experiências geralmente bem sucedidas.

Após os inovadores cidadãos, uma primeira vaga de simpatizantes nasceu. Ela não contava, entretanto, com os criadores que decididamente hostis no início, se deixaram sólamente convencer de arrendar algumas terras a terceiros. Pelo contrário, as entrevistas nos revelaram que a maioria desses novos agricultores possuíam, ao mesmo tempo, uma tradição agrícola mais ou menos antiga e uma certa experiência dos negócios. Eram ou antigos colonos instalados na cidade como pequenos comerciantes ou artesãos, ou autênticos policultores estabelecidos nas bordas do campo e da floresta. Nesse último caso, pudemos estabelecer que esses homens tiveram a ocasião de ver os primeiros resultados da agricultura de campo. Por outro

(*) Em inglês, no original, significando "cinturão de trigo". (N.T.)

lado, todos haviam exercido, num certo momento de sua vida, uma atividade não agrícola (serrarias, transportes, pequenas indústrias rurais) que os havia colocado em contato com o exterior. Esses fatos se verificam sistematicamente em vários setores de contato campo-floresta e, em particular, em Fortaleza dos Valos, distrito do município de Cruz Alta. Não há nenhuma dúvida que esta aliança de uma tradição de agricultura, e de um conhecimento da "extra-comunidade" (4) está na origem do desenvolvimento definitivo da cultura extensiva em terras de campo.

Foram precisamente êsses novos granjeiros com nomes alemães e italianos que atravessaram sem grande prejuízo a terrível crise de rendimento que deveria afetar a monocultura do trigo a partir de 1957 (5). Enquanto muitos dos "aventureiros" que tinham abusado do crédito bancário sucumbiram à primeira má colheita, os descendentes dos colonos resistiram, não sem dificuldade aliás. Mais uma vez, a ajuda governamental e a tradição da agricultura deveriam triunfar. Para suavizar as dificuldades engendradas por uma monocultura esgotante para os solos, o governo e o Banco do Brasil tomaram, efetivamente, duas séries de medidas salvadoras, impondo aos proprietários das terras uma moratória de vários anos para os contratos de arrendamento e obrigando os agricultores a adotar culturas de verão em rotação com o trigo. A moratória foi naturalmente acolhida com muito entusiasmo por todos os granjeiros. Mas a obrigação de adotar as plantas de verão devia, pelo contrário, tolerar algumas recusas ou fracassos. Observamos que os descendentes de colonos, tradicionais cultivadores de trigo associado ao soja, levaram a melhor ainda mais facilmente neste domínio.

2. OS SISTEMAS DE CULTURA DO CAMPO.

A granja atual é o resultado dessa evolução. Enquanto que os criadores proprietários das terras vegetavam sem conseguir adaptar-se às novas condições de exploração do campo, os granjeiros arrendatários ampliavam sua empresa. Nos municípios de Carazinho, Passo Fundo, Cruz Alta e Palmeira das Missões, por exemplo, as superfícies semeadas passaram de 92.616 ha. em 1956 a 186.217 ha. em 1965. Nessa última data, os dois têrcos dos explotadores dos doze principais municípios de campo eram arrendatários. Finalmente, em 10 cultivadores, 7 eram descendentes de colonos italianos ou alemães (6).

Adaptando-se rapidamente às novas condições financeiras e técnicas do Banco do Brasil, a granja se tornou uma grande produtora de plantas de cídio estival (soja, milho, trigo mourisco) e, em menor grau, de linho cultivado no inverno. Ao longo dessa mutação acelerada, o trigo esteve prestes a desaparecer, tanto os seus rendimentos são caprichosos. (1210 Kg/ha em 1963, 371 kg/ha em 1964, 773 kg/ha em 1965). (7) Para obrigar os granjeiros a continuar sua cultura de inverno, o Banco do Brasil tornou-a condição para qualquer outro financiamento agrícola. A pesar

(4) Preferimos esta expressão de "extra-comunidade" — que possui um certo valor geográfico na medida em que uma comunidade rural pode ser circunscrita no espaço. — aquela eminentemente sociológica, de "extra-grupo". (cf. Mendras, em particular).

(5) Cf. a respeito deste assunto, a situação similar que afetou a Campanha gaucha. "Cahiers d'outre-Mer", nº 80, p. 360. (Publicado neste Boletim).

(6) Esses dados são extraídos de uma publ. anual intitul. "Trigo Nacional", publ. desde 1962 pelo Dep. Econ. do Min. da Agric. do Brasil (Comissão Central de Lev. e Fisc. das Safras Típicas). Aí estão os nomes de todos os cultivadores de trigo do Rio Grande do Sul.

(7) Dados extraídos do DEE da Sec. de Econ. do RGS, publicado anualmente no "Anuário agropecuário".

disso, as superfícies cultivadas com trigo diminuíram de 44,6% de 1960 a 1964. Por outro lado, o milho e o soja plantados em cerca de 270.000 ha em 1960, cobrem atualmente mais de 400.000 hectares.

Esta reconversão se explica certamente pelas facilidades financeiras oferecidas aos agricultores que podem agora obter não sómente empréstimos a longo prazo para a compra de máquinas, mas ainda substanciais adiantamentos a curto prazo para todos os tratos culturais. Mas, por outro lado, as novas culturas, apesar de não serem verdadeiras novidades para a maioria dos fazendeiros, poderiam ser praticadas com a utilização das máquinas que, até então, haviam servido à monocultura do trigo. Na maioria dos casos, os granjeiros não inovaram neste ponto de vista; sómente diversificaram a sua produção e aumentaram seu equipamento de máquinas agrícolas.

Atualmente, o fazendeiro do planalto rio-grandense possui um equipamento comparável ao do explotador da grande planície americana. Um estabelecimento de 250 a 300 hectares trabalha normalmente com quatro ou cinco tratores inteiramente equipados e uma ou duas ceifadoras-trilhadeiras automotrices. Segundo diversas fontes (8), foi possível estabelecer que, em mais da metade dos casos, o capital da exploração ultrapassa o capital imobiliário. As técnicas de cultivo permanecem entretanto, extensivas. Assim, os rendimentos, segundo as estatísticas oficiais não ultrapassam nunca 9,6 e 7 quintais por hectare respectivamente para o milho, o soja e o linho (grãos) em 1965 (9). A utilização do solo, por outro lado, é incompleta porque, no inverno, mais da metade das terras é deixada em pousio ("jachère"). Em dezembro, as colheitas tardias de trigo não liberam todas as terras para as semeaduras estivais e uma parte da restava é abandonada ou transformada em pastagem. Os fertilizantes químicos são utilizados desde um decênio e permitiram certamente uma utilização mais intensiva dos solos se os granjeiros fizessem deles um uso realmente racional, o que está longe de acontecer sempre. Por outro lado, o efeito benéfico dos adubos é parcialmente anulado pela fraquíssima difusão da calagem, indispensável nessas terras geralmente muito ácidas.

Cuidaremos, entretanto, de atribuir essas insuficiências a uma ignorância de parte do agricultor do campo. De fato, como a maior parte dos arrendatários do mundo, estes rejeitam conscientemente toda a prática de conservação de solos a longo prazo. É também a essa qualidade de fazendeiro instável, desejoso, antes de mais nada, de conseguir os maiores benefícios no mínimo de tempo, que se deve ligar certas particularidades dos afolhamentos (parcelamento do solo) e das rotações de cultura. Sob esse aspecto, a introdução do soja nos ciclos culturais foi justamente difundida pelos engenheiros agrônimos oficiais. Para os fazendeiros, entretanto, as virtudes agronômicas dessa leguminosa não fariam esquecer elementares considerações comerciais. Se, como acontece freqüentemente, o soja é vendido mal num certo ano, dar-se-á preferência quase automaticamente ao milho e ao trigo mourisco no ano seguinte. Esses cálculos não são, aliás, muito justos, porque essas opções maciças ocasionam invariavelmente, em cada ano, uma baixa dos preços para as colheitas mais volumosas e, inversamente, uma alta dos produtos abandonados.

Quaisquer que possam ser as insuficiências de tais sistemas de cultura, a granja do campo é nitidamente mais

(8) Inquérito do IBRA (Inst. Brasil de Ref. Agrária), e dados do Banco do Brasil.

(9) Seria certamente mais real considerar valores superiores, da ordem de 12 quintais/ha para o milho e o soja e, 10 a 11 quintais/ha para o linho, em ano normal.

SUPERFÍCIE AGRÍCOLA ÚTIL	PRODUTO BRUTO	CARGAS REAIS	LUCRO ANUAL	LUCRO POR Ha S. A. U.
200	Cr\$ 57.000,00	Cr\$ 53.000,00	Cr\$ 4.000,00	Cr\$ 20,00 ou \$ 7,4
230	Cr\$ 101.570,00	Cr\$ 73.220,00	Cr\$ 28.350,00	Cr\$ 123,26 ou \$ 45,6
300	Cr\$ 114.500,00	Cr\$ 63.360,00	Cr\$ 51.140,00	Cr\$ 170,46 ou \$ 63,1
360	Cr\$ 128.400,00	Cr\$ 97.418,80	Cr\$ 31.981,20	Cr\$ 88,83 ou \$ 32,9
440	Cr\$ 259.000,00	Cr\$ 111.500,00	Cr\$ 147.500,00	Cr\$ 335,22 ou \$ 124,1
450	Cr\$ 99.204,00	Cr\$ 69.060,00	Cr\$ 30.144,00	Cr\$ 66,98 ou \$ 24,8
500	Cr\$ 152.400,00	Cr\$ 77.280,00	Cr\$ 75.120,00	Cr\$ 150,24 ou \$ 55,6
600	Cr\$ 199.842,00	Cr\$ 122.750,00	Cr\$ 77.092,00	Cr\$ 128,48 ou \$ 47,5

QUADRO II - Os lucros de oito fazendas de Passo Fundo.

rentável que o estabelecimento de pecuária tradicional. O quadro seguinte, que mostra os lucros de oito fazendas de Passo Fundo que se dedicam a uma simples rotação trigo-soja, é suficiente para nos convencer (10):

A média aritmética dos lucros anuais é de 51,3 dólares por hectare, ou seja dez vezes os rendimentos médios de uma exploração pecuária tradicional. Concebemos, nessas condições, o sucesso, da agricultura de campo. Conviria adicionar que esses valores são certamente inferiores à realidade, porque os balanços não consideram as outras culturas de verão que são praticadas sobre algumas dezenas de hectares na maioria das fazendas.

Mas, por insuficientes que êles sejam, êsses dados ilustram um outro caráter fundamental das explorações de agricultura do planalto: as grandes diferenças de rendimento entre fazendas vizinhas. As causas físicas, tão seguidamente invocadas para justificar as grandes variações interanuais de colheitas, não poderiam, sempre fornecer uma explicação válida neste caso. "É o olho do dono que faz engordar o cavalo..." costumam dizer os gaúchos... para, de uma só vez, sublinhar o papel da habilidade do explotador na boa marcha do seu estabelecimento e estigmatizar os perigos de um absenteísmo exacerbado. Esse sabor ditado - sobre o qual, desde agora, muitos criadores ganhariam em meditar - fala de ouro aos neo-agricultores do planalto porque, em última análise, é a falta de experiência de alguns e a tendência muito geral dos explotantes em viver na cidade que explicam em grande parte,

(10) Fontes: "Laudos de avaliações" do Banco do Brasil de Passo Fundo. Esses dados, muito elementares, permitem entretanto aproximar os lucros das oito fazendas consideradas. Para a amortização do material do qual possuímos somente o valor a época do balanço. — Sem indicação de idade nem anos de utilização — estimamo-la em 10% desse valor. Os juros e as taxas bancárias foram estimadas, segundo os conselhos de um especialista do Banco do Brasil, em 10% do custo dos trabalhos agrícolas anuais financiados. Quanto ao aluguel das terras estimamo-lo em Cr\$ 10,00 o hectare, segundo um valor médio da época colhido no campo.

a irregularidade e a relativa fragilidade dos rendimentos. A construção da casa citadina por outro lado, incide pesadamente nos balanços anuais e reduz ao mínimo o auto-financiamento nas fazendas. Habitado a um generoso crédito bancário, o explotante fazendeiro prefere continuar a endividar-se na sua fazenda para investir alhures os benefícios que dela tira.

Fornecedora de rendimentos relativamente elevados — no quadro do Rio Grande do Sul ao menos — a granja de agricultura não aparece então como uma forma muito sólida de ocupação do solo. As consequências desse tipo de exploração se traduzem por um esgotamento acelerado dos solos e, naturalmente, pelas reações junto aos proprietários das terras que tendem a tornar-se cada vez mais exigentes nos municípios orientais onde a agricultura de campo é praticada desde mais de quinze anos. Agora, nessa última região, a locação das terras é mais elevada para os agricultores do que para os criadores sob o pretexto de que os primeiros estragam os campos mais do que os segundos. Orais e sem limite preciso de tempo, os contratos são escriturados e renovados anualmente. O uso de adubos e os diques de proteção contra a erosão são impostos atualmente. Finalmente, o aluguel pago com parte da produção tende a substituir os antigos pagamentos em dinheiro, considerados pouco rentáveis em razão da inflação da moeda brasileira. Diante dessas reações, os granjeiros adotam uma solução bem clássica no quadro do Brasil meridional: êles migram para outras terras de campo ditas novas, ainda cultivadas, e de aluguel mais baixo. Desde então, por volta de 1960, a agricultura descambou para oeste, atingindo os municípios de Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga e São Borja. Neste local ela está atualmente em plena expansão. Além de que os aluguéis são melhores do que no leste, os solos mais argilosos exigem menos trabalhos de proteção contra a erosão. Os verões mais secos numa região limitaram a cultura do soja, mas os fazendeiros compensam esta perda desenvolvendo a cultura hibernal do linho, praticada há muito tempo em São Borja. Mais recen-

temente ainda, a falta de terras tanto como a busca de contratos menos rigorosos influenciaram uma subida para o leste num domínio de pecuária muito tradicional, correspondendo aos atuais municípios de Lagoa Vermelha e Vacaia. A topografia mais acidentada desses planaltos elevados limita desta vez os campos não mais nas partes elevadas que não possuem senão solos esqueléticos, mas nas depressões bem drenadas e em algumas vertentes pouco inclinadas.

Houve tempo em que nada destacava as tranquilas cidades do planalto rio-grandense, perdidas na imensidão do campo. Agora, pelo contrário, alguns grandes edifícios e imponentes silos cooperativos foram instalados como verdadeiros símbolos de uma nova categoria de rurícolas ávidos de uma promoção social ainda incerta. Após os haver abertamente considerado como intrusos, os pecuaristas compreendem agora que os agricultores não sómente colonizaram as partes mais pobres do campo, mas também penetraram nas melhores pastagens do planalto rio-grandense. De sua parte, o agricultor pioneiro toma consciência de que ele não foi até aqui senão um frágil "explorador" do campo ao qual não falta mais do que títulos de propriedade imobiliária para se tornar o explotante de uma nova classe rural do Rio Grande do Sul. Dessas atitudes mentais-a famosa "conscientização" dos sociólogos americanos-resultam atualmente algumas mudanças anunciatórias de uma mutação profunda da sociedade rural do centro do planalto.

III - OS PRINCÍPIOS DE UMA MUTAÇÃO PROFUNDA

Desde uns dois ou três anos, efetivamente, criadores e agricultores, que formavam até então duas sociedades rurais sómente justapostas, estão em vias de se encontrar. Entendemos assim porque os primeiros fazem tímidos ensaios de agricultura, enquanto que os segundos começam a manifestar um certo interesse pela pecuária. É certo que uns e outros não constituem ainda senão exceções mais ou menos numerosas segundo os municípios. Não saberíamos entretanto situar o verdadeiro dinamismo dessa sociedade rural sem apreciar o valor exato dessas exceções que representam um início de mutação profunda. Parece, com efeito, que após a introdução da agricultura em terras de campo, uma segunda mudança, fundamental, está em vias de aparecer e que consiste no nascimento de uma sociedade de agricultores-pecuaristas. Atualmente podemos considerar que esta evolução é o fato dos explotantes mais dinâmicos - os inovadores - e de uma primeira vaga de agricultores esclarecidos. Encontramo-nos, pois, numa fase de transição entre a adesão restrita e a adesão a uma mudança radical da exploração do solo (11). Entre essas duas fases existe o que chamaremos um limiar de desencadeamento que não foi ainda transposto.

Porém à experiência da velha mentalidade pioneira permite pensar que esse limiar pode ser atravessado bruscamente e levar, em pouco tempo, a uma adesão maciça da maioria da população rural.

Na origem do nascente interesse de certos pecuaristas pela agricultura está certamente a observação do resultado obtido pelos fazendeiros que a empreenderam. Mas também um simples fato, totalmente imprevisto, parece ter desempenhado um papel definitivo na determinação de muitos dentre eles. Logo após, efetivamente, dos trabalhos e da aplicação dos fertilizantes químicos, uma gramineia de pequena extensão em condições naturais, a "milhã" (*Panicum sanguinali*), deveria atingir um crescimento extraordinário, ao ponto de se tornar uma verdadeira planta pa-

(11) Cf., sob esse aspecto, os estudos dos sociólogos americanos retomados em "Our changing rural society" - Iowa State University Press, 1964.

rasita dos campos de trigo. Para os criadores, ao contrário, a milhã foi revelação das felizes consequências dos trabalhos no campo natural, porque ela se revelou rapidamente uma excelente forragem estival, permitindo dobrar a carga de bovinos por unidade de superfície. Para conquistar direitos de cidadania no meio rural tradicional, a agricultura não poderia fazer mais do que melhorar sem esforço as pastagens dos criadores. Simultaneamente esses últimos compreenderam não sómente que a salvação da pecuária dependia muito das forragens cultivadas, mas também que uma agricultura de campo bem conduzida lhes permitira de uma vez, participar dos substanciais benefícios dos agricultores e de continuar sua atividade de criação em condições bem superiores.

Raros entretanto são os criadores que adotaram integralmente a agricultura. A maioria procura sómente a reserva do trigo que utiliza como "invernadas". Uma tal atitude já é em si uma verdadeira novidade, porque ela deixa prever, a longo prazo, o abandono de um sistema de pecuária inteiramente dependente das condições naturais. Por outro lado, nesse caso ela faz do criador uma espécie de dependente do agricultor. Mas é uma cláusula recente dos contratos de aluguel que verificamos a importância que o criador dá, agora, às forragens em certos municípios. Em Passo Fundo e em Cruz Alta, por exemplo, os proprietários exigem atualmente que as terras alugadas lhes sejam restituídas como pastagens artificiais. Quando do último anexo de contrato, eles dão aos fazendeiros as sementes das ervas que serão semeadas entre os cereais.

Quanto à adoção pura e simples da agricultura de campo pelo criador tradicional, ela termina algumas vezes em fracassos, cujas razões são diversas, mas muito reveladoras. Primeiro, são freqüentemente pecuaristas em má condição econômica que jogam todo o seu dinheiro na agricultura. Eles vendem, então, uma fração de suas terras ou do seu gado para saldar a parte do equipamento em máquinas que o Banco do Brasil não financia. Seus outros bens são dados em garantia dos empréstimos bancários. Nessas condições o primeiro ano da agricultura é uma verdadeira aposta. Se a colheita é boa e os preços vantajosos eles podem se sair bem. No caso contrário, é a catástrofe. Por outro lado, esses homens não concebem de começar em pequena escala; necessitam imediatamente de um conjunto completo de máquinas, porque começar o cultivo em terras de campo sem mecanização lhes pareceria uma desgraça. Enfim, a essas imprudências bem pouco camponesas, o criador, entregue a si mesmo, adiciona erros técnicos explicáveis muito simplesmente por uma falta de tradição agrícola. Um belo exemplo dessa situação nos é oferecida pelo fracasso da agricultura no campo da região de Soledade. Este município, que abriga uma das populações gaúchas das mais tradicionais conheceu, há alguns anos, sua febre do trigo. Atualmente não resta mais nada dos diversos ensaios tentados. Fala-se discretamente desse triste e recente passado, sublinhando que tinha sido uma loucura o querer se dedicar à agricultura numa região de topografia muito acidentada. Na realidade, uma das razões do fracasso parece que deverá ser procurada também numa falta pura e simples de conhecimentos agrícolas. Sementeiras muito tardias, adubos pouco ou mal utilizados, sementes de má qualidade, má escolha dos solos e insuficiência de cuidados estavam, com efeito, na origem da maioria dos fracassos.

É notável que os criadores que foram bem sucedidos na mutação fazenda-granja são, na maioria, ou muito ricos para resistir aos primeiros golpes da sorte, ou associados a agricultores experimentados, ou servidos por uma mão-de-obra assalariada de origem colonial ou, enfim, suficientemente esclarecidos para fazer bom uso dos conselhos dos vizinhos agricultores e das revistas agrícolas sé-

rias. Em particular, é com esse conjunto de condições favoráveis que a granja de porte muito grande (500 a 1 000 hectares), e freqüentemente sociedade anônima, deve existir. Cada município possui dois ou três estabelecimentos desse tipo nos quais a agricultura está associada a pecuária de qualidade muito boa. Administradas como verdadeiros negócios comerciais, essas explorações desempenham freqüentemente o papel de fazendas-móveis por sua constante busca de novidades. Entretanto, para a maioria dos criadores que assim conseguiram melhorar sua situação financeira, a agricultura constitui raramente um fim em si. Ela é antes considerada como um meio de retomar a antiga atividade pecuária sobre novas bases. Seu objetivo fundamental é, com efeito, plantar pastos na maior parte de suas terras ao fim de quatro ou cinco anos de trabalho. Interrogados sobre as razões desse retorno à pecuária, esses gaúchos respondem invariavelmente que a agricultura lhes parece uma atividade muito arriscada para justificar uma adesão definitiva. Por outro lado, numa época onde o criador do planalto começa a revisar seus julgamentos, uma experiência imprevista acaba de provar ao agricultor que a pecuária pode ser, em certas condições um bom negócio seguro e, em suma, relativamente repousante. Em 1965, uma seca muito forte semeou, efetivamente, o pânico entre os pecuaristas do sul que viram, então, seu rebanho irremediavelmente condenado. Antes de perder uma parte de seu rebanho, os gaúchos da fronteira tentaram, em primeiro lugar pastagens mais úmidas. Depois pressionados pela ameaça de ruína, viram-se obrigados a vender rapidamente seus animais de dois a quatro anos, por preços irrisórios aos agricultores do planalto que dispunham então, das restas do trigo para a engorda. Em três meses o boi magro, comprado a Cr\$ 40,00 a cabeça estava gordo e vendido a Cr\$ 200,00. Um negócio tão lucrativo, embora excepcional, não podia deixar indiferentes os granjeiros dinâmicos e comerciantes do planalto rio-grandense. A recente boa disposição governamental em matéria de financiamento das culturas forrageiras e da compra dos animais devia, por seu turno, tirar suas últimas hesitações.

E, de fato, raros são os agricultores que não pensam atualmente em completar seus benefícios engordando algum gado magro comprado no início do verão. A experiência desses explotadores em matéria de pecuária não leva, geralmente, à catástrofe, porque uma engorda de três ou quatro meses ao ar livre é uma operação simples, que não exige cuidados particulares. Além disso, os bovinos de três ou quatro anos não correm o risco de doença, sobretudo desde que a vacinação contra a febre aftosa se tornou obrigatória. Não é de duvidar que essa prática seria agora generalizada se a instalação de cercas em terras arrendadas não parecesse um investimento um pouco pesado a esses fazendeiros instáveis por definição.

Não é surpreendente, nessas condições, que aqueles que introduziram a pecuária ao lado da agricultura se recrutem entre os explotadores que, estabelecidos há longo tempo nos municípios de Passo Fundo, Carazinho. Não Me Toque e Cruz Alta, puderam adquirir terras de campo aos criadores. Embora pouco numerosos, esses novos proprietários são dignos de atenção, porque eles provam o quanto a tenência da terra pode influenciar a valorização das terras. A simples observação das paisagens agrárias permite individualizar imediatamente essas explorações. Os campos aí são cuidadosamente cercados e nitidamente separados das vertentes não cultivadas. Essas não são mais abandonadas, mas reservadas à criação do gado novo. O gado para engorda é reunido sobre a resteva ou nas pastagens plantadas. As sedes das explorações mostram uma interessante justaposição das instalações clássicas da exploração de agricultura - onde nota-se desta vez uma confortável casa de habitação - e organizações não menos

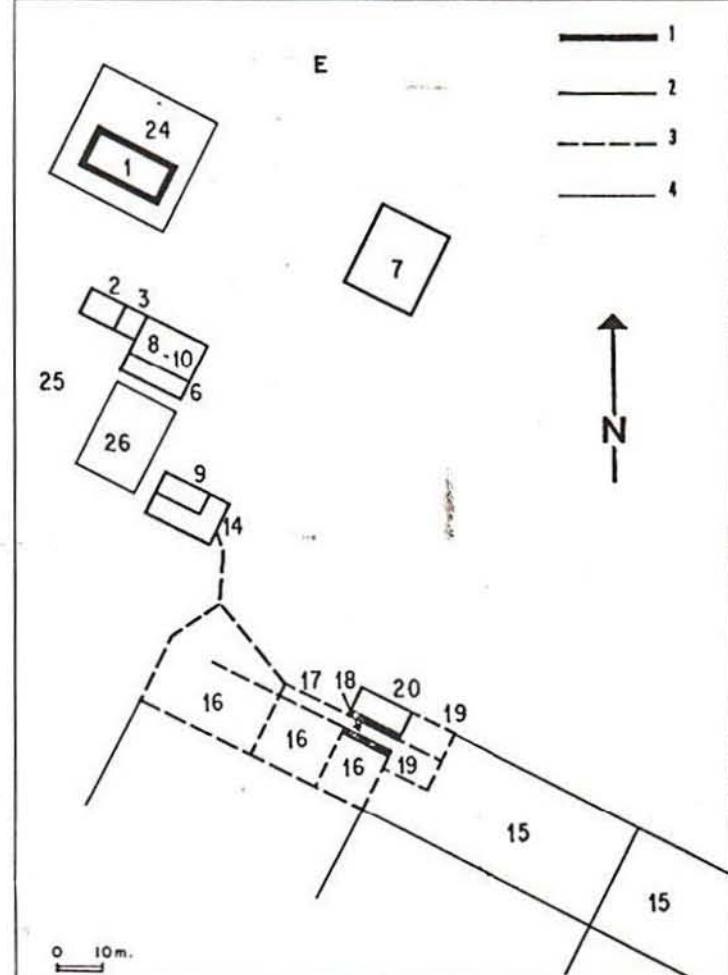


Fig. 4. - A - Uma grande fazenda de exploração mista do município de Santo Ângelo. Comparando as edificações aquelas das figuras A e B, verifica-se que, neste caso, o chefe da exploração não fez mais do que justapôr os dois tipos de instalação da granja e da fazenda. Fato sintomático de uma instalação definitiva, a casa de madeira primitiva foi abandonada pelo chefe da exploração que habita, agora, uma confortável casa de tijolos. A vinha atesta a origem italiana do atual proprietário. 1: paredes de tijolos. - 2: paredes de tabua. - 3: cercados de madeira. - 4: cercados de arame.

clássicas de uma fazenda de criação gaúcha (Fig. 4A). Tornados proprietários, estes agricultores conseguiram associar os dois sistemas fundamentais de utilização do solo do planalto rio-grandense. Na ocasião das entrevistas parece notadamente que este fazendeiros idosos têm encontrado na criação um meio de utilizar as partes de suas terras pouco acessíveis à mecanização e uma oportunidade de limitar os perigos de uma agricultura tornada frágil pela instabilidade dos preços de produção. Mas, por espetacular que ela seja, esta inovação é prudente, porque se o velho agricultor continua a dirigir pessoalmente os trabalhos agrícolas, ele confia freqüentemente a parte de criação a um capataz e aos peões gaúchos. Estes últimos, em particular, constróem todas as instalações para o gado. Porém, certas explorações de Carazinho sobretudo, já vão além de uma simples justaposição de uma criação tradicional com a agricultura extensiva de campo. Multiplicando as experiências de forragens e completando a alimentação invernal do gado pela distribuição de ração, desenvolvem uma criação em semi-estabulação que rompe completamente com a tradição gaúcha. Neste caso, o gado selecionado, da raça charolesa sobretudo, pode ser engordado desde a idade de três anos. As novidades técnicas, inspiradas seja de leituras, seja de experiências pessoais, reduzem o tempo por multiplicação de pequenos potreiros e melhoramento do estado sanitário do rebanho. Em particular, um novo método de luta contra os carrapatos, por pulverizadoras móveis, foi difundido e realizado localmente. Fato notável, são sobretudo os explotadores de origem

colonial e morando na cidade, que são a origem de tais novidades.

Este interesse que manifesta o agricultor proprietário pela criação não parece, contudo, ter sómente razões econômicas. Pode-se ver aí também uma posição de honrosa concessão entre os fazendeiros já idosos e cansados de uma luta incerta de quinze ou vinte anos. Ainda que de rentabilidade inferior à agricultura, a criação extensiva, melhorada por culturas e rações lhes parece, com justa razão, uma ocupação mais estável e sobretudo, mais calma. Alguns encaram mesmo a possibilidade de fazer da criação uma atividade exclusiva que os liberaria dos trabalhos e dos cuidados da gestão de uma grande fazenda mecanizada.

Enfim, última manifestação de uma mutação profunda da sociedade rural do planalto, as margens campo-floresta nos oferecem o espetáculo de colonos isolados passando progressivamente à agricultura mecanizada sem deixar suas colônias. Ao contato das florestas das velhas colônias (Júlio de Castilhos, Cruz Alta, Ibirubá, Santa Barbara, Tapera, Não Me Toque) e do Alto Uruguai (Sarandi, Palmeira das Missões, Giruá, Santo Ângelo) certo número de pequenos camponeses dirigidos pela Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural começa a abandonar os velhos mitos da superioridade de um trabalho familiar em terras de floresta. Restabelecendo aí os esforços passados de seus homólogos de Fortaleza dos Valos, estes colonos adotam o trator quando seus recursos e, naturalmente, a topografia do terreno lhes permitem. Não é raro encontrar vários explotadores utilizando em comum um trator comprado a crédito. Ao invés dos imprudentes criadores, estes camponeses abandonam por etapas, sómente, sua velha condição de policultores. São encontrados, atualmente, à testa de explorações de 30 a 100 hectares, compreendendo uma parte deixada em terras de floresta - confiada às vezes a arrendatários - e uma parte de campo onde a soja é cultivada em rotação, com o trigo e o linho. Esperando que prudentes créditos lhes permitam adquirir, um dia, um conjunto completo de máquinas agrícolas, elas efetuam ainda uma parte dos trabalhos de preparação do solo com arado de boi. Os hábitos autárquicos bem camponeses não estão completamente abandonados como o prova a manutenção de uma criação de porcos e de algumas vacas leiteiras (fig. 4 B). Mas, a evolução começada parece irreversível, visto que é acompanhada de uma verda-

deira pequena revolução no seio da família camponesa, onde se observa as consequências clássicas da mecanização: o desaparecimento do trabalho das mulheres nos campos e o entusiasmo dos jovens pela máquina.

CONCLUSÃO

Sucedendo a mais de um século de confrontação pacífica entre duas formas tradicionais de utilização do solo - a criação das pradarias e a agricultura das florestas - os vinte últimos anos têm, portanto, consagrado largamente o sucesso da agricultura no campo do planalto rio-grandense. Uma evolução que parece irreversível tem não sómente impôsto as culturas, mas também começado a transformar as mentalidades tradicionais. O imenso dinamismo desta sociedade rural, reveste-se de características que lembram, ao mesmo tempo, os processos habituais de toda mutação rural, em parte dirigida a algumas formas espontâneas de ocupação do solo mais específicas dos países novos. À primeira categoria de características, pode-se relacionar o papel das ajudas financeiras e técnicas, que parecem bem constituir as condições necessárias, mas não suficientes, à toda transformação de uma região agrária. A intervenção decisiva dos citadinos na difusão e adoção das inovações é apenas mais original. Quando muito toma aqui proporções inusitadas, explicáveis muito simplesmente pela enorme diferença de nível de vida e de instrução que existe entre citadinos e camponeses do planalto rio-grandense. A distribuição geográfica atual da cultura mecanizada se explica por sua parte, pelas condições físicas que o agricultor não pode, naturalmente, superar se não parcialmente. Pelo contrário, o movimento do fazendeiro, em direção às terras novas, sinônimos para ele de abundantes e pouco dispendiosas colheitas, revela inequivocavelmente uma atitude de pioneiro. Deste o agricultor do campo possui também o espírito de um enriquecimento a curto prazo, curioso fruto de um entusiasmo verdadeiro, de uma excepcional abertura às novidades e de elementares cálculos econômicos. Enfim, a difusão das culturas no domínio dos criadores gaúchos engendrou um tipo de contato entre criadores e agricultores constantemente dominado pela força das tradições. Entre os primeiros que tentam sobreviver e os segundos que procuram uma promoção ao mesmo tempo econômica e social pelo acesso definitivo à propriedade, uma inquietação poderia ter surgido se as cidades e os campos cerrados setentrionais não houvessem atraído, num movimento igualmente muito brasileiro, as vítimas desta evolução. (12).

(12) Os trabalhos de campo foram concluídos em fevereiro de 1968. Endereçamos nossos agradecimentos ao Sr. Xavier (Arquivos Históricos), Camardelli e G. Neves (Instituto Gaucho de Reforma Agrária) assim como a dois geógrafos do IBRA srtas. Dalila Cenira da Costa e Maria Celeste Martins que amavelmente participaram de nossas enquetes de campo. Além destes, dois estudantes do Instituto de Geociências de Belo Horizonte - Srs. Antônio Morum e Hermann Kux - puderam, nesta ocasião, mostrar todo entusiasmo da futura geração de geógrafos brasileiros.

BIBLIOGRAFIA:

- Araújo de Avila, Anacreonte — Melhoramentos das Pastagens — Porto Alegre — Edição Sulina, 1965.
- Monbeig, Pierre — Pioneiros e plantadores de São Paulo — Paris Livraria Armand Colin.
- Bernardes, Nilo — Bases Geográficas do povoamento do Estado do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro — IBGE — Conselho Nacional de Geografia — 1963.
- Instituto Brasileiro de Geografia — Grande região Sul — Volume IV, tomos I e II. Ver, em particular, o capítulo "atividades agrárias", capítulo III, de Aluizio Capdeville-Duarte e Armely Therezinha Maricato.
- Roche, Jean — A colonização alemã e o Rio Grande do Sul — Paris, Trabalhos e Memórias do Instituto de Altos Estudos da América Latina. 1959 —

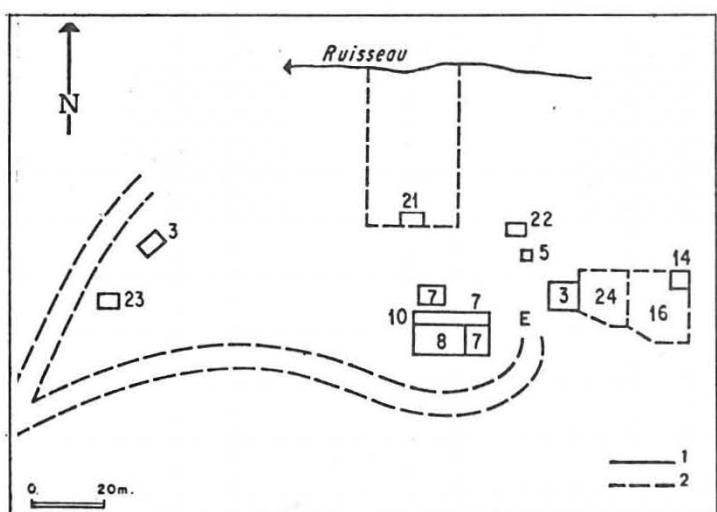


Fig. 4. — B — No distrito de Butiá, município de Passo Fundo, existem algumas fazendas possuídas por antigos colonos que conservaram certos hábitos autárquicos. Notar, em particular, o chiqueiro e o estábulo das vacas leiteiras. O dono vive na cidade. 1: - paredes de tabua - 2: - cercados de madeira.